

O FUTURO DA TEOLOGIA WESLEYANA COM AGENDA MISSIONARIA:
RECONCILIAÇÃO E A EUCARISTIA
Por: David Rainey, NTC Manchester

Introdução

Em 1998 Clark Pinnock afirmou uma ideia que tornou-se comum na teologia de missões. Pinnock escreveu, “É já tempo para o avanço da teologia no contexto de missões mundiais.” Ele acrescentou, “A pergunta porém é - seremos capazes de assegurar esta oportunidade para o evangelho e a teologia Wesleyana?” O mais importante é que Pinnock deu mais uma declaração que deve ser considerada com muita seriedade, “A identidade duma teologia evangélica é definida no sentido mais sociológico do que precisamente teológico.” Isto quer dizer que é mais frequente notar que as missões tornaram-se um estudo meramente sociológico do que aquilo que deveria ser de estudos teológicos, e isto acrescentou o problema à igreja no seu entendimento daquilo que são as missões. No entanto, a proposta apresentada aqui é a do João Wesley – a prática da missão está firmada na teologia eclesiástica de missão. Antes, porém, precisamos de considerar um estudo preliminar

1. Uma Revisão Preliminar

Em 2004 William Abraham deu uma apresentação na Sociedade Teológica Wesleyana com o título “O Fim da Teologia Wesleyana”. Abraham introduziu a sua apresentação com a seguinte declaração, “A teologia Wesleyana está cada vez mais a se apagar na história,” e depois lamentou, “Há muitos Wesleyanos tanto quanto são os eruditos.” Ele continuou mais:

Eles se imigraram para o Evangelismo, para o Feminismo, para a Teologia Narrativa, para Teologia Liberal, para a Teologia do Processo, para Paul Tillich, para Karl Barth, para John Howard Yoder, para Michel Foucault, para Rosemary Ruether, para Ellen Charry, para todas as coisas e todos os sítios aqui debaixo do sol.

O problema não é de Wesleyanos se integrarem nas outras tradições teológicas apropriadas. O ponto é de que os Wesleyanos já estão perdidos nas suas regiões migratórias e dificilmente alguém pode encontrar Wesley.

Um exemplo será suficiente. No *Jornal da Teologia Wesleyana* (2009), Michael Zbaraschuk iniciou dizendo: “Enquanto os Wesleyanos eruditos continuam a refinar as suas perspectivas para a teologia do mundo, ambos o processo filosófico e o teísmo aberto tornam-se as melhores opções teológicas”. Esta apresentação foi configurada para oferecer

direcções teológicas para a Cristologia Wesleyana, mas a dificuldade nesta apresentação aparece quando se descobre que João Wesley não fez contribuição alguma na análise da Cristologia. Em outras palavras, para tornar a teologia Wesleyana relevante, alguns eruditos ignoram a teologia do João Wesley e, em alguns casos, para fazer a teologia Wesleyana relevante, alguns tiveram que re-inventar João Wesley. Isto é no caso da obra literária do Alberto Schweitzer, *Na Busca de Jesus da História*, para precisamente tornar Jesus relevante, ele tinha que re-inventar a história de Jesus. Provavelmente o futuro da teologia Wesleyana irá entrar num novo vigor com a publicação da obra do Tom Noble de 2010 que analisa a Sociedade da Teologia Wesleyana, “Para Servir a Presente Geração: Teologia Wesleyana Autêntica para Hoje”. Apesar de que este material oferece apoio do Endereço Presidencial do Tom Noble e vai ser apresentado num direcionamento diferente do futuro da teologia Wesleyana. Este artigo é resposta dum outro artigo publicado, “A Igreja Estabelecida e a Teologia Evangélica: Eclesiologia do João Wesley”. Mais uma vez, podemos ouvir a preocupação do William Abraham no que diz respeito à “o sacramentalismo ardente” está sendo ignorado na missão da igreja. Este fenómeno é um erro na teologia eclesiástica Wesleyana quando a teologia sacramental do próprio Wesley é ignorada.

Mais comentários poderão ser úteis sugerir que haja uma reavaliação do futuro da teologia Wesleyana com uma perspectiva missionária em relação à Eucaristia. Nos últimos trinta anos Albert Outler ofereceu uma avaliação muito valiosa na teologia do João Wesley e o porquê João Wesley ficou ignorado na comunidade acadêmica em geral. Outler escreveu, “...não temos muitos evangelistas de registo com qualquer coisa como a imersão na cultura clássica do João Wesley, o seu desejo e abertura para a ciência ‘moderna’ e as mudanças sociais. Wesley tinha conhecimento que toda a tradição Cristã era como uma fonte viva – e mesmo com um pouco da sua perspectiva da comunidade sacramental como sendo um sítio onde se alimenta a experiência Cristã.” Este comentário sobre a “comunidade sacramental” ficou quase lançado fora. Entretanto, é necessário que seja recuperada para desenvolver não somente uma proposta para o futuro da teologia Wesleyana, mas sim a proposta do futuro da missão universal da igreja. O que se precisa agora não é simplesmente uma informação de quantas vezes por ano a Eucaristia é celebrada, mas sim a continuação da teologia Eucarística do Wesley para a Igreja do 21º século. Desta maneira, pode-se estabelecer que a teologia e a prática Eucarística Wesleyana nunca tinham sido deixada fora durante o reavivamento do 18º século.

2. *A Teologia Eucarística do João Wesley: Antes de 1738*

Recentemente, Geordan Hammond continuou a sua pesquisa sobre os primeiros anos do ministério e teologia do João Wesley. A sua pesquisa confirmou que João Wesley teve grande influência da teologia com Non-Jurors e Daniel Brevint. Através da teologia destas pessoas, Wesley aceitou a presença misteriosa de Cristo na Eucaristia por meio da presença do Espírito Santo. Wesley formou este conceito muito antes do início dos reavivamentos em 1738, e Wesley próprio não hesitou de dar menção desta crença durante os tais reavivamentos. O pão e o vinho foram o canal muito efectivo da graça de Deus. Deste modo, a celebração da Eucaristia ficou a ser um elemento chave para uma influência contínua do reavivamento. Tal como Geordan Hammond disse, “Um aspecto importante da teologia do Brevint (partilhada com Wesley) é de que através da celebração da Eucaristia, os fiéis recebem a graça e o poder do viver uma vida santa.” Nesta teologia sacramental é evidente que os comungantes podem ser transformados pela graça de Deus durante o momento da Eucaristia. Hammond continuou na sua análise sobre os *Hinos da Ceia* do Senhor publicados em 1745 dizendo, “Os reavivamentos do João Wesley eram litúrgicos e evangélicos.” Para Wesley o aspecto mais crucial foi a participação contínua do sacrifício efectivo de Cristo expresso na Ceia do Senhor. A nossa reconciliação com Deus transforma-nos para uma vida sacrificial, por isso a Ceia do Senhor torna-se um meio de graça de Deus na vida do comungante. Esta crença é parcialmente afirmada no comentário de Kyle Tau que diz, “A nossa reconciliação com o Pai está na união da igreja com Cristo quando participamos no sacramento.”

Geordan Hammond continuou, “A maior consideração do João Wesley na Eucaristia foi um aspecto incansável na sua vida e ministério.” Não é Hammond sozinho a insistir que a Eucaristia é o elemento chave para o nosso entendimento dos reavivamentos do século 18. Albert Outler confirmou no seu comentário sobre o sermão do Wesley, “A Função da Comunhão Constante; o Sermão foi desenvolvido nos documentos de João Nelson. João Wesley escreveu um extracto dos séculos 17 – 18 sobre a teologia sacramental do Non-Juror do ano 1732. O sermão foi publicado na *Revista Arminiana* de Junho de 1787, e Outler acrescenta, “O que deverá ser o aspecto muito importante neste sermão é de que o sermão apresenta a mais completa e explícita declaração do Wesley sobre a doutrina da Eucaristia e prática...” O ponto essencial aqui é que o futuro da teologia Wesleyana pode resurgir a partir do ponto de vista do próprio João Wesley de modo a entendermos a missão autêntica da Igreja. Precisamos ainda de reconhecer como é que a teologia Eucarística do Wesley criou a missão. A teologia Eucarística do Wesley é uma teologia de reconciliação e, segundo a sua

descrição, é uma teologia de santidade. Por exemplo, amor à Deus e ao próximo. Com isto na mente, Wesley encorajou a todos os Metodistas a participarem no culto da Eucaristia todas as semanas. Para Wesley, o culto da Eucaristia é um elemento integral tanto na santidade como na missão da igreja. É desta maneira que é importante reconhecer que na mesa da Ceia do Senhor foi o lugar da experiência de reconciliação.

3. *A Teologia Eucarística do João Wesley Após-1738*

É importante tomar nota de algumas alterações na doutrina da Eucaristia e prática Wesleyana daquilo que o ministério Georgiano em relação ao reavivamento explosivo de 1738 e alguns anos que se seguiram. Durante este tempo Wesley seguiu a rigorosidade do Non-Juror e, por consequência, alguém pode pensar que o método usado pelo João Wesley foi de invasão na investigação da disciplina espiritual das pessoas. Depois do ano de 1738 houve uma mudança para um ministério mais aberto que não precisou de envolvimento pastoral para investigar o comportamento espiritual das pessoas. Podemos clarificar este ponto dando duas ilustrações. Primeiro, Wesley fez uma distinção bem visível na sua perspectiva sobre a Santa Ceia após 1738 na desavença com o entendimento dos Moravianos de Londres em Fetter Lane. Wesley identificou-se naquele momento com uma teologia Eucarística aberta, e escreveu “Na maior parte eu demonstrei que (1) a Ceia do Senhor foi ordenada por Deus para ser um meio de expressar para a humanidade ou a graça preveniente, ou justificadora ou então santificadora... (4) que não é por mérito, mas sim pelo nosso estado completamente pecaminoso e de desespero; todo aquele que sabe que tudo o que merecia era inferno e que agora já é digno de vir para Cristo...” Aqui fica identificada a missão da igreja. Todos são convidados para fazer parte da Ceia do Senhor e, dependendo do estado espiritual de cada pessoa, é possível cada pessoa saber do seu estado pecaminoso e sua necessidade de se encontrar com Cristo (a graça preveniente), ou se converter a Cristo (graça justificadora) ou então crescer na santidade (graça santificadora). Segundo, isto tornou-se evidente no seu próprio diário de registo onde aparecem centenas ou mesmo milhares dos que participaram os cultos da Eucaristia por toda a parte da Grã-Bretanha. J. Ernest Rattenbury deu-nos um registo do Wesley com números de participantes durante os seus últimos 10 anos da sua vida. A nossa inteira referência ao Rattenbury é principalmente para enfatizar que a Santa Ceia do Senhor e a missão da igreja eram integralmente unidos na perspectiva do Wesley.

LEEDS – “Dia da Páscoa, eu preguei na igreja de manhã e anoite, quando tínhamos cerca de 800 comungantes; na comunhão foi uma coisa que nunca tinha visto antes em Manchester, 11000 ou 12000 comungantes de cada vez”; LEEDS – “Eramos dez cleros e 700 ou 800 comungantes”; “Fui notar que o trabalho era muito suficiente, ler as orações, pregar e administrar o Sacramento à várias centenas de pessoas”; “MACCLESFIELD – “Administramos o Sacramento à cerca de 13000 pessoas”; MANCHESTER mais uma vez – “Sr. Baily veio à tempo oportuno para me assistir. O número estimado dos comungantes foi de 13000 or 14000. “Dia da Pascoa – haviam aproximadamente 1000 comungantes”; LEEDS – “Me assistiran cinco cleros, e administramos a Santa do Senhor cerca de 16000 a 17000 pessoas”; BRISTOL – “Estimamos ter cerca de 1000 comungantes e acredito que nenhum deles foi para casa vasio”; MANCHESTER – “Tínhamos 12000 comungantes”; SHEFFIELD – Eu lí as orações, preguei e administrei o sacramento para mais que 500 comungantes”; OLD CHURCH, LEEDS – “Temos dezoito cleros e cerca de 1,100 comungantes”; SHEFFIELD – “Lí as orações, preguei e administrei o Sacramento para cerca de 600 a 700 pessoas”; BIRMINGHAM – “Sr. Heath leu as orações e assistiu-me na distribuição do Sacramento para 700 ou 8000 comungantes.”

Este registo deve terminar com o do próprio Wesley no seu ministério na Ilha de Dublin:

Preguei num novo salão às 7 e às 11; fui para a Catedral e desejei que os da nossa Sociedade não fossem para as Igrejas perdidas, mas fossem conosco para a Igreja de S. Patrick. Muitos deles foram, como eu desejei. Depois do culto, foi reportado que o número dos comungadores era cerca de 500; maior part destes foram para lá por todo o ano, antes dos Metodistas serem conhecidos naquela Ilha.

O lugar da Ceia do Senhor na vida da Igreja e para os Wesleyanos durante os reavivamentos não era tão estranho. Contudo, é provavelmente necessário indicar que Wesley era capaz de atrair grades numerous de multidões para o culto da Eucaristia.

Wesley insistiu continuamente que ele era um ‘Alto Homen da Igreja’. O que quer dizer com isto? O seu modelo de renovação da igreja foi o primeiro durante os três centenários, juntamente com uma consideração alta de instituição ecclesiástica da Igreja da Inglaterra pela qual ele combinou com a sua política de conservatismo. Porém, a sua eclesiologia não era tão limitada e não há evidencia da sua aberta perspectiva sobre a Eucaristia. Esta persepectiva do Wesley em relação a Eucaristia reflecte também nas suas escritas. À medita em que os movimentos Metodistas desenvolviam, Wesley adoptou uma missão em que ele pertendia incluir todas as pessoas no processo da renovação da nação. Esta perspectiva, em algumas vezes, foi uma polémica e ao mesmo tempo Wesley sabia que não seria assim tão fácil, ou melhor dizer, possível que todas as pessoas concordasse com a sua perspectiva. A sua *Carta de 1749 à Igreja Catolica Romana* é um exemplo vivo.

Na carta ele fez uma distinção entre doutrina e opinião, e a sua doutrina estava firmada na base espiritual do Credo de Nucea; a sua eclesiologia da igreja universal era baseada no relacionamento trinitário com a humanidade. Wesley introduziu a sua carta com o

reconhecimento da polémica da sua teologia de reconciliação. Ele escreveu, “Muitos Protestantes (assim chamados) poderão também se zangar comigo por escrever para vós desta maneira.” Quase no fim da sua carta, Wesley continuou com a sua perspectiva ecuménica. “Se uma pessoa crê com toda a sua sinceridade e ponha na prática a sua crença, alguém pode vos persuadir a pensar que a tal pessoa poderá perecer eternamente.” Finalmente, ele disse, “Meu amado amigo, considera isto: Não estou a te persuadir para deixar ou mudar da tua religião, mais sim siga o caminho de temor e amor a Deus sem pelo qual a religião é em vão.” No fim da sua carta, Jão Wesley terminou com um apelo à paz e reconciliação entre os Protestantes e os Católicos Romanos. Apesar de que a Igreja Católica Romana não teve influência no surgimento e desenvolvimento do Metodismo no século 18, a tentativa para a reconciliação do Wesley foi de grande destaque.

Podemos, mais uma vez, salientar que Wesley considerou-se consistentemente como um ‘Homem Alto da Igreja’. Por essa razão podemos estar certos em dizer que Wesley formulou a sua teologia dentro das fronteiras da Igreja da Inglaterra, baseada no Richard Hooker em adição com as interpretações Anglicanas, nos seus primeiros três séculos da igreja Cristã. Contudo, podem-se observar ao longo do process que haviam muitos Oponentes que não estavam a favour com o estabelecimento da Igreja de Inglaterra. Wesley soube das eclesiologias Oponentes desde que seus pais vieram dessa tradição e mais tarde voltaram de novo para a Igreja de Inglaterra. Durante o reavivamento, Wesley reconheceu o facto de que Oponentes criaram-lhe problems, e daí que ele não se simpatizou com o envolvimento deles nos Metodistas.

4. As Intenções Adicionais de Reconciliação do Wesley

Wesley levou consigo os problemas criados pelos Oponentes para os encontros da Conferencia anual porque ele entendeu como o objectivo central dos Oponentes sendo de tentar retirar o Metodismo para fora da Igreja de Inglaterra, uma situação que, segundo Wesley foi a causa principal da desunião. Se houve alguma evidência que Wesley lutou bastante para se reconciliar com os Católico Romanos (pelo menos a tentativa de acabar com a hostilidade entre as duas tradições), e depois com o movimento dos Oponentes que foi a causa da desunião para o estabelecimento da Igreja dentro do Metodism, precisou que Wesley discesse o Metodismo como um movimento de reconciliação inclusiva, e por isso ninguém podia ser excluído. Deste modo, os Oponentes eram autorizados a permanecerem, apesar de que Wesley discordou com as suas intenções. Ao mesmo tempo Wesley tentou,

nos primeiros dias do reavivamento, manter paz com os Metodistas da tradição teológica Calvinista, ambos os simpatizantes como os oponentes da Igreja de Inglaterra. Esta generosidade aberta é confirmada no sermão de 1755, O Espírito Católico. Por causa da unidade Cristã e reconciliação, ele escreveu, “Eu não estou a perguntar, ‘Vós recebestes a Ceia do Senhor da mesma pastagem e maneira que eu a recebo?’” A prática formal do culto da Eucaristia dos seus primeiros anos tem sido substituída por uma Eucaristia aberta e visível de reconciliação durante o reavivamento.

O sermão sobre *‘Os Meios da Graça’* deixou claro que João Wesley sabia que muitos Metodistas ignoraram uma fatia espiritual e a prática sacramental. Wesley rejeitou isto; para ele os sacramentos não um assunto opcional, mas eram assunto vital para a vida Cristã. Os sacramentos expressaram efectivamente a graça de Deus para o participante, daí que o reavivamento não seria capaz de disqualificar a vida sacramental. Porém, Wesley sabia dos abusos que a prática sacramental passou, e comentou, “Todos estes meios, quando separados do seu alvo, são menos do que nada, isto é, se os sacramentos não nos levam ao conhecimento do amor a Deus, não são aceitáveis na sua presença...” Apesar de que João Wesley reconheceu da possibilidade de haver falsos ensinamentos sobre os actos sacramentais, ele rejeitou práticas sacramentais mas fez tanto esforço para colocá-las num lugar teologicamente próprio. Wesley creu que não há nada que se chama de ‘automático’ nos sacramentos. Por exemplo, os sacramentos não têm graça em si próprios, mas sim Deus opera através destes canais ordenados por Ele. Wesley insistiu que ‘meios da graça’ que incluem os sacramentos, transformam os participantes. No sermão ele escreveu a sua frase favorita, “Eu entendo ‘meios da graça’ sendo sinais externos, palavras, ou acções ordenadas por Deus, e indicadas para esse fim – para ser o canal *ordinário* pelo quale Ele poderá expressar para a humanidade a graça preveniente, justificadora, ou santificadora.” Com isto ele quer dizer que de igual modo para os sacramentos, orações ou a leitura das Escrituras pode tornar-se abusivo, mas ninguém pode abandonar simplesmente porque algumas pessoas usam inapropriamente.

É neste sermão, os Meios da Graça, que encontramos a ênfase do Wesley sobre a Ceia do Senhor como sendo uma ordenança de conversão e não pode ser abandonada em oposição da má concepção do modelo dos Moravianos de Londres chamado ‘esperando em Deus’. Ele assim diz, “usa todos os meios que Deus ordenou. Quem sabe qual deles Deus vai usar para se encontrar contigo com a graça que traz salvação?” Para isto ele acrescenta no fim do seu sermão, o valor espiritual dos meios da graça, “não para o seu próprio bem, mas sim no sentido de renovar as suas almas para a justiça e a verdadeira santidade. Como foi dito

anteriormente, é possível discernir a implicação que a Ceia do Senhor é para ser uma actividade constante para os convertidos e crentes no desenvolvimento da vida espiritual.

É importante tomar nota que Charles Wesley tinha o mesmo pensamento teológico.

Do Hino # 165, os *Hinos sobre a Ceia do Senhor*:

Quão alegres são os Vossos servos, Senhor,
 Quem, assim se lembra de Vós!
 Que língua pode dizer a doce conformidade,
 A nossa harmonia perfeita.

Quem o Vosso mistério partilha,
 Aqui na Vossa mesa alimentado,
 Muitos, mas Um nós somos,
 Um não dividido pão.

Um com o Pão Divino vivo,
 Que agora com fé comemos,
 Nossos corações, mentes, e espiritos se juntam,
 E todos em Jesus se encontram.

Querido o laço onde as almas concordam,
 O amor da morte de Jesus:
 Então somente perto pode ser,
 Quando todos se juntam lá em cima.

5. *Reconciliação como Inclusão*

Uma ligeira mudança de direcção vai acrescentar a profundidade da análise do Wesley sobre a agenda missionária e a sua avaliação crítica da renovação na igreja. A sua extraordinária, apesar pequena, exposição, *Pensamentos Sobre um Fenómeno Antigo* (1788) é importante neste contexto. Neste documento, Wesley providencia uma avaliação dos movimentos de renovação ao longo da história. A avaliação declarou que os movimentos de renovação teve um curto tempo de duração; teve uma duração de trinta anos e depois daí perderam a sua efectividade original. A seguir, Wesley aplicou esta análise para a sua própria vida através duma descrição do início do Metodismo e a imediata resposta de alguns membros que se separaram da Igreja estabelecida. Para Wesley, isto foi um grande erro e a tal attitude foi continuamente repreendida em varias conferencias. Neste respeito, Wesley deixou uma nota que tem sido ignorada. Ele disse, “eles nunca serão um corpo distinto.” Nesta curta frase, Wesley quiz dizer que o Metodismo não estaria separado da Igreja de Inglaterra, por isso não seira um corpo distinto. Nos anos antes de 1742 Wesley usou o mesmo metodo. Ele

seguiu a teologia básica de Necea e interpretou a Reforma da igreja do século 16 para defender o Metodismo nos seus termos gerais:

Um Metodista é aquele que tem amor de Deus no seu coração dado pelo poder do Espírito; aquele que ama o Senhor seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma, com toda a sua mente, e com todas as suas forças. Deus é a fonte de toda a felicidade do seu coração e o desejo da sua alma...

Wesley recusou que estas referências fossem entendidas de uma maneira muito restrita e exclusiva. A sua maior intenção foi de incluir todas as pessoas de todas as tradições Cristãs. Quando o reavivamento começou em 1738 Wesley mostrou a sua generosidade do amor de Deus e a sua prática e teologia Eucarística.

6. *A Situação Actual*

Para a contribuição do Snyder, *Eclesiologia Evangélica: Realidade or Ilusão?* é um capítulo muito importante para um entendimento dinâmico da igreja. Apesar do seu crítico uso da palavra ‘instituição’ é desnecessária, Howard Snyder providenciou uma maneira útil para ver a figura grande da Igreja. Sendo um parceiro no diálogo com os ensinamentos de Howard Snyder, permitam-me adicionar uma outra perspectiva um pouco antiga do T.W. Manson, *O Ministério da Igreja* (1948). A agenda básica do Manson foi de que estabelecer o ministério essencial da igreja é a ‘continuação da encarnação’. Todos os ministérios são derivados em Cristo. Manson fez declarações muito importantes sobre o ministério da Igreja; uma dessas declarações diz respeito à Igreja como um organismo vivo. “Mais uma vez, porque a Igreja é um organismo vivo, nós não podemos simplesmente caminhar para trás; para os tempos do Novo Testamento e dizer que tudo o que fomos a encontrar nesses tempos deve fazer uma ligação de uma vez para todas, e que qualquer coisa na vida e organização da Igreja que não pode provar a sua existência na Era Apostólica não tem direito de existir.” Este ensinamento tem uma ressonância com a metodologia e formação do João Wesley. Wesley nunca deixou oportunidades para debate comparativa entre ‘orgânica’ contra ‘instituição’; ele preferiu manter as duas ideias juntas numa tensão evangélica e é a chave para o entendimento da missão eclesial do Wesley. Daí que, em combinação entre a contribuição do livro do T.W. Manson e a posição do João Wesley ‘Alta Membrança da Igreja’ com a teologia Eucarística podemos encontrar uma teologia inclusiva e efectiva na agenda missionária da Igreja.

7. *A Actual Practica Eucarística*

Na prática litúrgica, a Liturgia da Santa Ceia começa com a ‘passagem da paz’. Este acto não existiu nos cultos Eucarísticos do século 18; esta prática foi introduzida no século 20. A ‘passagem da paz’ fez com que o que era implícito fosse explícito na liturgia. Esta prática não é para desejar um bem-vindo ao culto, ou à igreja, ou à Santa Ceia; é uma expressão de reconciliação. O padre diz: “A paz do nosso Senhor seja com vosco.” A congregação responde: “E contigo também.” Então é dada a instituição: “Vamo-nos todos dar um sinal de paz.” Quando esta liturgia é dada apropriadamente, o culto torna-se uma declaração directa que a igreja é o lugar da reconciliação. A ‘passagem da paz’ é um sinal visível que o povo de Deus é um povo de reconciliação, e é esta visibilidade que expressa a missão da igreja no mundo. Anthony Thiselton repetiu esta ideia dizendo: “Para partilhar a paz na Eucaristia ou na Ceia do Senhor é aprender o hábito de viver num estado de reconciliação com os outros, e de partilhar a colaboratividade numa missão comum e dedicação.

Para a Eucaristia ser viável para a comunidade Cristã, ela não pode ser entendida como um aglomeramento de pessoas individuais para adoração; ela deve ser vista como um aglomeramento de pessoas unidas à Mesa do Senhor, vivendo na graça do Espírito Santo. Já que a Eucaristia é uma celebração de acção da graça pelo sacrifício de Cristo, a carta do Paulo aos Efésios torna-se muito importante neste contexto. “Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um; e, tendo derribado a parede da separação que estava no meio, a inimizade, aboliu, na sua carne, a lei dos mandamentos na forma de ordenanças, para que dos dois criasse, em si mesmo, um novo homem, fazendo a paz, e reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, destruindo por ela a inimizade” (Efésios 2:14-16). Isto foi confirmado pela segunda carta de Paulo aos Coríntios, “De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus” (2Cor. 5:20). Consequentemente, sendo um sacrifício vivo (Rom 12:1) é um acto sacramental e a continuação do sacrifício cumprido de Cristo que leva consigo a potencialidade para a missão na teologia da reconciliação por meio da Encarnação. Muito mais detalhado, Sarah Whittle fez uma ligação entre a refeição da comunidade (A Eucaristia) em 1Cor. 10-11 com Rom. 12:1. Em relação a 1Cor. 10-11, ela disse, “Isto poderá ser mais do que um afastamento, porque é nestas bases, segundo Paulo, que juntos tomamos uma refeição de aliança – o copo que partilhamos e o corpo que quebramos- é a participação no corpo de Cristo” (1Cor. 10:16). Ela fez a seguinte

conclusão, ‘Este sacrifício de corporação é uma consagração e comunhão, uma oferta de paz e reconciliação com Deus e com uns aos outros.’”

Conclusão

Se a teologia de reconciliação não for explícita, então a Eucaristia torna-se um ritual puramente baseado no hábito, no lugar de ser declaração da visível comunidade reconciliada conhecida como Igreja. Esta visível reconciliação é por meio da obra de Cristo e do poder do Espírito Santo que cria as ‘marcas da igreja’. Apesar de quão e quantas autênticas as tais ‘markas’ são para a identidade da igreja, é somente na reconciliação que a identidade da igreja torna-se autêntica.

A prática da Eucaristia de reconciliação no meio dos participantes do culto deve ser um requisito em toda a liturgia Eucarística. Tal acto da reconciliação terá que ser aplicado para o mundo e para toda a criação. Sem dúvida, existem dentro destes princípios outras implicações escatológicas. Tal como Wesley excluiu ninguém na Ceia do Senhor, toda a criatura de Deus deve estar no ponto focal da Eucaristia. Mary Elisabeth Mullins Moore indicou, “A auto-oferta de Deus e a humanidade são algo crítico para a Nova Criação, e é claramente visumbrado nos sacramentos e no acto de Cristo ter oferecido a sua própria vida na causa dos seus amigos”